



# **Figuração do vírus da Covid-19 na produção literária contemporânea: uma análise de “Carta Aberta”, de Martim Butcher**

Vanderléia da Silva Oliveira\*

Maria Eduarda Oliveira de Souza\*\*

## **Resumo**

Tendo em vista que a pandemia da Covid-19 desencadeou o surgimento de uma prolífica produção literária, cujo tema central é a sua representação, este ensaio investiga “como” se figurou a pandemia da Covid-19 na literatura brasileira contemporânea. Analisa-se “Carta Aberta”, de Martim Butcher, conto que faz parte do primeiro volume da coletânea *Contos da quarentena* (2020), em virtude de sua inovação no que se refere aos elementos de sua construção textual comparados às outras narrativas produzidas durante a pandemia da Covid-19. O autor subverte a estrutura de narrador e narratário, estabelecendo o vírus como o enunciador da mensagem a ser expressa. Abrindo caminho também a uma análise literária e discursiva integrada, o conto transcende até mesmo os limites do gênero narrativo, lançando um personagem que escreve uma carta aberta à humanidade. Assim, partindo de um projeto de pesquisa maior intitulado “A Literatura Brasileira Contemporânea em Tempos de Pandemia”, desenvolvido pelo grupo de pesquisa CRELIT

\* Professora Associada da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). E-mail: vandsilvaoliveira@gmail.com

\*\* Graduanda em Letras, pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Bolsista da Fundação Araucária. E-mail: duda.souza0741@gmail.com

e compondo o subprojeto de Iniciação Científica financiado pela Fundação Araucária “Literatura e Pandemia: um olhar crítico sobre a produção literária contemporânea brasileira”, esta pesquisa, baseada na consulta e análise de fontes bibliográficas, ancora-se em teóricos e críticos que pensam a respeito da produção literária contemporânea, como Resende (2008), Aguiar (2020) e Brandileone (2013, 2021), e estudiosos da esfera filosófica e sociológica, entre os quais Bauman (2001), Birman (2020) e Zakaria (2021), com o objetivo de contribuir para o repertório crítico acerca dessa literatura, tendo como mote a figuração do período pandêmico de 2020-2022.

**Palavras-chave: produção literária contemporânea; pandemia da Covid-19; “Carta Aberta”.**

### **Abstract**

Given that the Covid-19 pandemic has triggered the emergence of a prolific literary production, whose central theme is its representation, characterized by its immediacy (Resende, 2008), this essay investigates how the Covid-19 pandemic has been depicted in contemporary Brazilian literature. “Carta Aberta” by Martim Butcher, a short story that is part of the first volume of the anthology *Contos da quarentena* (2020), is analyzed due to its innovation regarding textual construction elements compared to other narratives produced during the Covid-19 pandemic. It subverts the structure of narrator and narratee, establishing the virus as the enunciator and not just the recipient of the message to be expressed. Paving the way for an integrated literary and discursive analysis, the short story even transcends the boundaries of the narrative genre by presenting a character who writes an open letter to humanity. Therefore, stemming from a larger research project entitled “Contemporary Brazilian Literature in Times of Pandemic”, developed by the CRELIT research

group, and integrating the subproject of Scientific Initiation financed by the Fundação Araucária “Literature and Pandemic: A Critical Look at Brazilian Contemporary Literary Production”, this research aims to contribute to the critical repertoire about this literature, focusing on the representation of the pandemic period from 2020 to 2022. We consulted and analyzed bibliographic sources and based our investigation on theorists and critics who reflect on contemporary literary production, such as Resende (2008), Aguiar (2020) and Brandileone (2013, 2021), as well as scholars from the philosophical and sociological sphere, like Bauman (2001), Birman (2020) and Zakaria (2021).

**Keywords: contemporary literary production; Covid-19 pandemic; “Carta Aberta”.**

### **Como se figurou a pandemia da Covid-19 na produção literária contemporânea?**

Com o advento da pandemia da Covid-19, as produções literárias passaram, naturalmente, a abordar e representar questões que englobam esse contexto, tendo em mente que “a literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real” (Coutinho: 2015, 24). Considera-se, também, que atualmente nos revelamos como uma sociedade imediatista, em que as relações humanas, sociais e econômicas caracterizam-se pela liquidez (Bauman: 2001) e instabilidade (Zakaria: 2021), tendência que também deságua na literatura.

Observamos que a liquidez na literatura contemporânea – uma consequência da modernidade líquida –, especialmente em tempos de pandemia, concretiza-se na natureza múltipla da pro-

dução contemporânea. Não há uma tendência única a que se restrinja essa produção: “atualmente os autores contemporâneos não se veem como grupo, pois não há um movimento e/ou manifesto literário que venha junto com a criação” (Brandileone: 2013, 17).

Fato é que as tendências líquidas como a da literatura contemporânea experimentam alterações contínuas em virtude de sua dinamicidade. Zakaria (2021, 24) argumenta que, em consequência de nosso mundo ser aberto e rápido, sua configuração é instável, diferente de sistemas fechados, que resultariam em estabilidade. O mesmo vale para a literatura, o que nos leva hoje a desfrutarmos de uma produção fértil, em virtude de ser democrática, e, portanto, plural, refletindo-se essa multiplicidade “na linguagem, nos formatos, na relação que se busca com o leitor e [...] no suporte” (Resende: 2008, 18).

O conceito de liquidez aplicado à literatura revela-se na urgência dos escritores em retratar a realidade, o que resulta em obras caracterizadas por um realismo direto, um retrato “cru” da realidade. O sentido de urgência postulado por Resende (2008) confere aos escritores contemporâneos uma marca temporal em suas obras, tanto nos aspectos formais, marcados pela brevidade e pessoalização das narrativas, como no que tange aos aspectos de conteúdo, abordando constantemente problemas do imediato agora. Contudo, essa ânsia em tratar do momento atual apenas se solidifica em razão de esses escritores sentirem-se deslocados em relação ao presente, já que “é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este” (Agamben: 2009, 58). Ao aproximar o contemporâneo a algo fora de seu tempo, concebendo-o como desajustado à sua época e observando-o como

uma inadequação ao presente, Agamben (2009) assume que justamente por essa não adequação ele é capaz de compreender e enxergar a sociedade ao se deslocar das convenções e de sua época. Esse deslocamento e repúdio às convenções fazem com que o contemporâneo neutralize as luzes que se originam de sua época para enxergar a escuridão da sociedade e de seu íntimo, o que resulta na capacidade de “se orientar no escuro e, a partir daí, ter coragem de reconhecer e de se comprometer com um presente com o qual não é possível coincidir” (Schøllhammer: 2011, 10).

Essa relação paradoxal, que ao mesmo tempo fala do tempo e espaço atual e se distancia dele, faz com que a literatura na contemporaneidade, motivada, portanto, por essa urgência em representar as trevas que permeiam seu tempo, não ignore os tempos obscuros que caracterizaram o período de 2020 a meados de 2022 no mundo todo. Nesse contexto, Ítalo Moriconi (2020) reconhece que já existe uma “Literatura de Pandemia”, o que legitima pesquisas que se voltem a esse marco temporal nos Estudos Literários. Críticos como Aguiar (2020) e Brandileone (2021) observaram essa tendência e mapearam produções literárias contemporâneas que tinham como mote central o tema da pandemia da covid-19. No mapeamento realizado, Brandileone cita a coletânea *Contos da quarentena*, que se tornou objeto de análise deste trabalho, o qual comporta as pesquisas em nível de Iniciação Científica “Literatura e pandemia: um olhar crítico sobre a produção literária contemporânea brasileira” (2022-2023) e “Contos da quarentena: figurações da pandemia na produção literária contemporânea” (2023-2024), financiadas pela Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Paraná (FA).

Ainda no âmbito das constatações de Resende (2008) sobre a literatura contemporânea brasileira, a primeira evidência que chama a atenção nas produções atuais é esse momento fértil a novos escritores e editoras, destacando um espaço que se abriu a novas vozes que, antes, eram afastadas do universo literário. Durante a pandemia da Covid-19, essa observação tornou-se ainda mais tangível: novos textos, novas vozes, novas perspectivas sobre um objeto em comum. Escrever, segundo Brandileone (2021, 24), “foi uma saída para externalizar sentimentos e preocupações desses tempos tão difíceis”. *Contos da quarentena* (2020), um exemplo que evidencia essa constatação, surgiu em virtude de um concurso literário de contos promovido pela TV 247, em colaboração com a Kotter Editorial e o grupo Martins Fontes. A coletânea originalmente previa uma única publicação, mas, devido à abundância e qualidade das histórias, se dividiu em três volumes. Representando um marco significativo na literatura brasileira contemporânea, dado que foi cuidadosamente selecionado e organizado pelo conselho editorial da Editora Kotter, o concurso atraiu escritores talentosos e entusiastas da arte literária, resultando em um impressionante acervo de 1.708 textos enviados para avaliação. Dentre eles, 68 contos foram escolhidos como finalistas, passando por um processo de seleção conduzido por uma equipe de renomados especialistas, contando com a presença de alguns dos mais proeminentes nomes da literatura nacional, incluindo Luiz Ruffato, Ricardo Aleixo e Marcos Pamplona, bem como os poetas Daniel Osiecki e Raul K. Souza.

Outra marca que simboliza a produção contemporânea é a “qualidade dos textos e o cuidado com a preparação da obra” (Re-

sende: 2008, 17, grifo da autora). Trazendo essa constatação para os nossos dias, a Editora Kotter, ao analisar os contos finalistas do concurso, ficou impressionada com a qualidade literária apresentada pelos autores, destacando a diversidade de estilos e temas abordados. A coletânea *Contos da quarentena* (2020), dessa forma, abraça um espectro amplo da expressão literária; todos, contudo, têm em comum o mote central da pandemia de covid-19. Por meio da arte literária, narrativas críticas e reflexivas nos convidam a pensar, sentir e compreender melhor o mundo ao nosso redor. Neste ensaio, voltamo-nos à análise do conto presente no primeiro volume da coletânea *Contos da quarentena*: “Carta Aberta”, de Martim Butcher, que exemplifica não somente o caráter múltiplo da produção contemporânea, mas também apresenta algumas das características da dita “escrita de qualidade”:

[a] experimentação inovadora, a escrita cuidadosa, o conhecimento das muitas possibilidades de nossa sintaxe e uma erudição inesperada [...]. Imaginação, originalidade na escritura e um surpreendente repertório de alusões à tradição literária (Resende: 2008, 17).

Fugindo de apenas uma crua representação da realidade, Martim Butcher é um espelho da afirmação de Resende: “nossos escritores parecem estar escrevendo tão rápido quanto bem” (p. 17). Em “Carta Aberta”, o autor aborda o tema da pandemia da Covid-19 apresentando-nos um narrador personagem muito peculiar: o próprio vírus; o que nos leva a pensar que, nos últimos anos muito se falou a respeito do vírus da Covid-19, mas, se ele pudesse nos dizer algo, o que diria?

## **A voz da Covid-19 na literatura: “Carta Aberta”**

A eclosão da pandemia do coronavírus representou um marco histórico na contemporaneidade, provocando uma série de transformações significativas na dinâmica global. Sob a perspectiva da humanidade, essa crise sanitária trouxe à tona uma série de reflexões profundas sobre nossa relação com a saúde, a sociedade e o mundo em que habitamos. Essas questões foram constantemente retratadas em muitos textos literários da coletânea *Contos da quarentena*, sobretudo do ponto de vista dos personagens como protagonistas, exprimindo suas percepções e vivências durante esse período.

A narrativa curta escrita por Butcher, sob outro enfoque, subverte essa abordagem, apresentando o vírus como o agente protagonista, emissor da mensagem a ser comunicada, enquanto a humanidade (aqueles que viveram o período pandêmico) figura unicamente como o receptor. Por meio dessa composição, é revelada a perspectiva do coronavírus frente aos acontecimentos decorrentes de sua chegada, bem como sua visão sobre a vida e a humanidade, e sua versão acerca dos fatos que vivenciamos há pouco tempo. À sombra desses aspectos, a fábula da narrativa “Carta Aberta” se constitui pela personificação do vírus da Covid-19, que escreve uma carta aberta à humanidade, com o objetivo de “aclara alguns mal-entendidos que recaíram sobre [ele] e sobre a forma como [chegou] até aqui” (Butcher: 2020, 117). Esse elemento nos leva a considerar as circunstâncias/ eventos que levaram à criação dessa espécie de “manifesto” e a motivação de sua escrita – o motivo subjacente pelo qual o narrador decidiu

escrever a carta aberta –, fornecendo o cenário em que a carta é composta, bem como suas intenções de produção.

Leva-se em conta na leitura que o núcleo formal do gênero carta aberta é constituído por um parágrafo introdutório em que “a tese defendida é assinalada, podendo [...] apresentar o papel social do remetente” (Oliveira e Zanutto: 2017, 135-136). Cristhiano Motta Aguiar (2020), crítico literário, evidencia que as formas narrativas frequentemente utilizadas pelos escritores desse momento vão além dos modelos literários mais curtos, extrapolando até mesmo o gênero narrativo, que se interliga a outros gêneros, por vezes, de caráter não literário, como é o caso dessa narrativa, em que o narrador-personagem se expressa por intermédio de uma carta aberta. Além de tornar clara sua intenção logo nas primeiras linhas, a escrita já endereça seu público.

Dessa forma, estamos diante de um texto em que o remetente da carta aberta está imerso em algum tipo de dano ou desvantagem em relação a uma situação específica e recorre a esse gênero como um meio de expressar seu ponto de vista, suas preocupações e suas opiniões sobre a situação em questão. “Aquele (indivíduo ou grupo) que se sente em prejuízo diante de uma situação (individual ou coletiva) recorre a esse gênero como uma forma de fazer valer outro olhar: o seu” (Oliveira e Zanutto: 2017, 138).

Narrado “de um centro fixo, vinculado necessariamente à sua própria existência” (Franco Junior: 2005, 42), o desencadeamento do conflito dramático – nó narrativo – constitui-se pelos mal-entendidos que recaíram sobre ele (o vírus). Isto é, a humanidade o vinculou a algo ruim, maléfico, e ele deseja se defender: “é só bater o olho em qualquer periódico de bairro que

já pupula a adjetivação injuriosa: ‘perigoso’, ‘mortífero’, ‘infectioso’, ‘destruidor-de-economias’, e por aí vai” (Butcher: 2020, 121). Se, portanto, temos o vírus como narrador de sua própria história (autodiegético), escrevendo uma carta, como o próprio título denota, “aberta” a um público amplo, seu narratário – o receptor da narrativa, a quem é direcionada a carta – reflete a humanidade em geral. Todos esses elementos da narrativa, como o narrador voltando-se diretamente ao seu narratário, bem como seu foco narrativo, tornam-se perceptíveis no trecho:

Te fatigo com meu palavrório? Bom, espero que você perceba que despejo tudo isso sem intenção de mágoa. Me ocorre, porém, que nem mesmo o propósito didático daquilo que te falo parece encontrar qualquer serventia. Afinal, como poderia eu pretender que, na sua pequenez individual, você pudesse dar conta de algo mais que o perímetro restrito de sua quarentena? (Butcher: 2020, 122).

Atendendo à organização formal do gênero, estruturada com componentes linguísticos que tornem evidente a dinâmica de comunicação envolvida (Oliveira e Zanutto: 2017), é possível, por meio desse fragmento, notar a forma como o narrador frequentemente interpela o leitor, valendo-se constantemente de interrogações que soam, às vezes, provocativas, outras, em tons de crítica ou gozação e, até mesmo, perguntas configuradas de modo retórico. Em sequência, após apresentadas as motivações que o fizeram escrever uma carta aberta à humanidade, é possível identificar, como um segundo momento do texto, o desenvolvi-

mento da trama narrativa, constituída pela argumentação e o estabelecimento de diálogos com o interlocutor, em que o narrador-personagem volta-se ao passado, traçando uma linha do tempo, a fim de delinear a história de como eles (os coronavírus) chegaram até nós. Nesta descrição, ele se coloca como um ser sagrado, ao atribuir sua história à biografia de uma santidade:

Diz-se de Antes de Dezembro que jazíamos em placidez mineral, ou abrigados em corpos outros, mais mansos, mais próximos ao barro. A hagiografia não é consensual quanto a isso, mas o que se sabe é que foi o Pioneiro quem transpassou as fronteiras humanas por primeira vez (Butcher: 2020, 118).

O processo de migração, por sua vez, se deu pelo “fato [de] que a cada nova geração dilatava-se entre [eles] o consenso de [habitarem] *lares estrangeiros*” (Butcher: 2020, grifo nosso). Sabe-se que a relação entre a ocorrência de zoonoses – doenças infecciosas que podem ser transmitidas de animais para seres humanos e vice-versa<sup>1</sup> – talvez seja mais uma consequência da forma como os seres humanos interagem com o meio ambiente e com os animais: o avanço da urbanização, o desmatamento, a degradação ambiental e o aumento da criação de animais para consumo têm favorecido o surgimento e a disseminação

<sup>1</sup>OMS – Organização Mundial da Saúde. *Zoonoses*. Disponível em: <http://www.who.int/topics/zoonoses/en/>. Acesso em: 04 jul. 2023.

dessas doenças. Acredita-se que o SARS-CoV-2 tenha se originado em morcegos e sido transmitido para humanos através de um animal intermediário. No entanto, “[p]ara que um vírus se torne uma pandemia completamente desenvolvida, ele precisa abrir caminho até um ambiente urbano” (Zakaria: 2021, 124). O vírus precisava de uma cidade para sobreviver, e “[o]s focos iniciais da Covid-19 foram – todos eles – as grandes cidades” (p. 124). Sucedendo a história, a chegada do vírus ao seu novo lar – à cidade e, em última instância, ao corpo humano, expressa textualmente por meio da denominação “lares estrangeiros” – aconteceu, em um primeiro momento, de forma contida, porém progrediu de maneira consideravelmente amplificada em um curto período de tempo:

E não se deu de outra maneira nosso avanço. Fomos indo, primeiro uns poucos, pingados nas festas que alguns de vocês deixavam abertas com despercebida ternura; logo, levadas acrescidas de comoção pelos precursores mortos sobre as planícies epidérmicas; mais adiante, multidões convictas do acerto da migração, aproveitando toda e qualquer deixa que as mucosas macias nos oferecessem para adentrar essa sorte de eldorado que sua carne figurava. E como foi feliz esse momento! (Butcher: 2020, 120).

Descrita sua viagem até nossos corpos, é possível reforçar sua finalidade comunicativa: o esclarecimento de algumas das questões difamatórias que a humanidade empregou sobre

ele. Sob esse ponto de vista, a humanidade o difamou quando: (1) deu a ele o nome de “corona”. Palavra latina que, em língua portuguesa aproxima-se de “coroa”, podendo remeter à realeza:

É fato que a necessidade de sobrevivência talvez me tenha levado a uma celebridade maior do que previsto, mas garanto que nunca pretendi holofotes, ao contrário do que ocorre com certa espécie bípede que ambula orbe afora — se é que me entende. O curioso é que a mesma espécie que, querendo ver nas demais ânsia de soberania igual à que a motiva, pretende atribuir-me veleidades monárquicas, incrustando-me à membrana o nome infame de “corona” (Butcher: 2020, 121).

No entanto, esse não é o verdadeiro motivo pelo qual foi concedida a ele essa nomenclatura. Sob análise microscópica, a composição desse vírus se revelou com a presença de projeções que se assemelham à configuração de uma coroa solar, sendo este o motivo de sua denominação como coronavírus<sup>2</sup>. Quanto à outra difamação, segundo ele, ela ocorreu quando (2) lhe atribuímos diversos adjetivos, qualificando-o como algo ruim: “‘perigoso’, ‘mortífero’, ‘infeccioso’, ‘destruidor-de-economias’, e por aí vai” (p. 121).

<sup>2</sup> HORA, Aline Santana da. A descoberta do primeiro Coronavírus humano foi graças à uma mulher. *UFABC Divulga Ciência*, v.3, n.5, p.7, maio de 2020. Disponível em: <https://ufabcdivulgaciencia.proec.ufabc.edu.br/2020/05/13/a-descoberta-do-primeiro-coronavirus-humano-foi-gracas-a-uma-mulher-v-3-n-5-p-7-2020/>. Acesso em: 16 ago. 2023.

Por meio de uma linguagem que obedece às exigências do gênero carta aberta, o narrador se utiliza de um certo grau de formalidade em sua escrita, além de utilizar elementos retóricos e persuasivos, na tentativa de fazer seu interlocutor colocar-se em seu lugar, a fim de mostrar que é a vítima da história e que estamos sendo injustos com ele, tendo em vista que “[a] carta aberta tem sido recurso de lutas sociais, numa tentativa de minimizar essa relação entre dominante e dominado” (Oliveira e Zanutto: 2017, 138), pensando aqui o dominado como o vírus e o dominante, os seres humanos: “ora! como te sentirias se, em vez de ‘homem’, eu te chamasse de ‘destruição da atmosfera’? E se eu substituísse ‘humano’ por ‘putrefação de rios e oceanos’? Te parece ofensivo o bastante? Te parece justo?” (Butcher: 2020, 121). Não apenas cogitando nos adjetivar com qualificações ruins, esse narrador-personagem deixa explícita sua ideia de substituir o substantivo que nos nomeia pelas ações maléficas que cometemos contra o nosso planeta.

Nesse sentido, o narrador de “Carta Aberta” faz uma crítica pontual à crise ecológica que estamos passando em consequência de nossas ações contra a natureza. A propósito, Zakaria (2021, 26) e Birman (2021) compartilham de uma semelhante tese: existe a possibilidade de a pandemia ser vista e estudada como “uma vingança da natureza”, partindo do pressuposto de que “existe uma relação orgânica e sistemática entre as problemáticas *ecológica* e *sanitária*” (Birman: 2021, 41).

O psicanalista Joel Birman (2021) afirma que a devastação em massa do nosso ecossistema provoca crises sanitárias, o que desencadeia pandemias letais: “A recente destruição acelerada e sistemática da natureza [...] começa a cobrar o seu preço de forma

escorchantes à humanidade, o que se evidencia pela multiplicação das pandemias mortais e devastadoras deste século, com efeitos marcadamente catastróficos” (Birman: 2021, 28). Diante desse aspecto, não há como negar as nomeações que o vírus nos atribuiu; a humanidade, talvez, não concedeu a devida importância à terceira lei da física concebida pelo físico Isaac Newton, que descreveu que “[a] toda acção sempre se opõe uma reacção igual” (Fitas: 1996, 6). Aplicando a terceira lei de Newton ao contexto das ações do homem em relação à natureza, podemos concluir que todas as ações humanas têm uma reação correspondente no ambiente natural. Nessa analogia, cada intervenção ou ação realizada pelo ser humano em seu ambiente gera uma resposta ou consequência na natureza, e a pandemia foi uma dessas decorrências.

Essa relação pode ser observada em diversas esferas: quando, por exemplo, os seres humanos liberam poluentes no ar, na água ou no solo, a natureza responde com a degradação do meio ambiente, afetando a qualidade do ar, a saúde dos ecossistemas e da biodiversidade; a exploração excessiva e insustentável de recursos naturais, como água e minerais, acaba levando à escassez desses recursos e impactando negativamente a vida de muitas pessoas e animais. Partindo dessa problemática ecológica, Birman (2021, 31-32) menciona as queimadas e o desmatamento de florestas e biomas como alguns dos fatores que resultam no deslocamento dos vírus de seu já adaptado espaço natural para espaços urbanos. Da mesma forma, Zakaria (2021, 27) aponta que “quanto mais a civilização invade a natureza [...] maiores são os riscos de animais nos transmitirem doenças”. Nesse ponto de vista, a terceira lei de Newton, aplicada às ações do homem

com a natureza, preconiza que todas as nossas intervenções no ambiente têm repercussões, muitas vezes, imprevisíveis (ou nem tanto assim); o que pode nos lembrar da importância de considerarmos os impactos ambientais de nossas ações e buscarmos práticas mais sustentáveis para coexistir em harmonia com a natureza, significando, em última instância, como bem declarou o vírus em sua carta, que não podemos culpá-lo por todos esses desdobramentos decorrentes de sua chegada, pois, como ficou evidenciado *a posteriori*, temos grande parte da responsabilidade.

Desde quando cabe a mim culpar-me por tudo quanto é efeito colateral da duplicação desenfreada a que vocês me submeteram? Da minha parte, me resignaria de bom grado a contaminar meia dúzia de países, um continente modesto, vá lá, mas vocês se apressam tanto em carregar-me aos quatro cantos do globo, o que esperavam que eu fizesse? Saísse à francesa? Oferecesse este corpinho para a porcaria da OMS encontrar a vacina? Sinto muito, mas não é de hoje que vocês vêm andando em uma bela de uma promiscuidade; algum dia a conta cairia. [...] É por isso que digo: quando ouço repetirem 24 horas por dia ‘corona pra cá, corona pra lá’, sinceramente, não me responsabilizo. Ou, como disse o outro: ‘lavo minhas mãos’ (Butcher: 2020, 121).

Novamente, configurado à estrutura tradicional de uma “carta aberta”, devido à sua natureza persuasiva direcionada ao destinatário, esse fragmento assume uma qualidade argumen-

tativa que é concebida estrategicamente para advogar em favor da perspectiva do vírus, com a finalidade de influenciar o leitor a adotar sua ótica da história. Assim, o uso de perguntas retóricas como uma estratégia de persuasão é evidenciado quando o narrador, ao fazê-las, refuta suas próprias indagações retóricas preferidas anteriormente. Essa (contra)argumentação se reflete na sua tentativa de provar, mais uma vez, que nós somos os culpados de toda essa crise que sucedeu: “não me responsabilizo [...] lavo minhas mãos”, apontando nossa “promiscuidade”. Destaca-se, mais uma vez, a escolha da carta aberta como modelo textual que se propõe a “interagir e persuadir, por meio de argumentos, um público que precisa reforçar um movimento social, uma causa a ser defendida, uma determinada reivindicação, entre outras finalidades” (Oliveira e Zanutto: 2017, 149-150).

Com base na premissa de que o narrador em questão, no desenvolvimento de sua carta, procurou persuadir o leitor predominantemente por meio de estratégias de manipulação em detrimento de argumentos lógicos, procedemos a uma análise à luz da concepção de Breton (1999) sobre a manipulação cognitiva, a fim de esclarecermos algumas das tentativas do narrador de manipulação da sua audiência, tendo em vista sua finalidade de os fazer aceitar seu ponto de vista.

Philippe Breton, em sua teoria, alega a existência de duas técnicas desse tipo de manipulação: (1) o enquadramento manipulatório – consistindo no emprego de elementos já familiares e aceitos pelo interlocutor, porém reorganizando-os de tal maneira que se torne praticamente impossível contestar ou recusar sua aceitação –; e (2) o amálgama cognitivo – referindo-se a uma

prática em que se sugere uma conexão causal entre eventos ou conceitos sem uma base sólida de justificação, mas que, através de uma fusão ou mistura de ideias, resulta na criação de um texto que aparenta ser argumentativo, embora seja manipulativo.

Em outras palavras, apresenta-se uma interpretação dos eventos ao acrescentar um elemento adicional que, por si só, é persuasivo, com o objetivo de reforçar a narrativa de maneira convincente. É possível detectar esses amálgamas em diversas passagens do texto, como em: “A hagiografia não é consensual quanto a isso”. Aqui, o narrador apropria-se de uma ciência que tem como objeto de estudo a vida dos santos, caracterizando-a como uma área que conhece toda a história de vida dos (corona) vírus, provocando a impressão de que eles estão na mesma condição de uma santidade. Essa é uma alavanca manipuladora denominada por Breton como uma alavanca de “autoridade”, tendo em vista que aproxima o “coronavírus” do objeto de estudo da “hagiografia”. Além disso, é observável a utilização de alavancas “venenosas”, em trechos como:

Por isso me estranha que justo vocês, cujo currículo é farto em *depredações*, recebam com tamanha perplexidade um movimento que é, quando muito – e aqui estou sendo bastante generoso –, comparável a um desses genocidiazinhos que vocês volta e meia pipocam em nome da ‘civildade’ (Butcher: 2020, 119; grifo nosso).

Por se tratar de uma associação entre símbolos deprimentes e ultrajantes que, nesse caso, é utilizada como instrumento

para desmoralizar/desqualificar a espécie humana, atribuindo à nossa história um “currículo [...] farto em depredações” e comparando seu efeito mortífero aos “genocídios” que a humanidade já provocou, ele tenta subverter o pensamento comum de que o coronavírus é o vilão, passando a mensagem: “o que é o genocídio que eu causei perto dos que vocês já causaram?”. Também, é detectável a alavanca “venenosa” quando esse narrador expressa sua visão sobre o homem: “tudo o que há diante de meus olhos é um ser *acuado, ingênuo, buscando amor como quem busca tolerância*, o que é bastante lamentável” (Butcher: 2020, 122; grifo nosso). É por uma perspectiva “virtuosa”, por outro lado, que ocorre a representação do processo de infecção, na qual a aceitação de ideias é promovida por meio da associação de palavras que são, em sua essência semântica, reconhecidas como positivas (Breton: 1999):

Como era *prazeroso* deixar-nos levar pelo beijo involuntário com que uma língua quente incauta nos brindava! Como era *benfazejo* o gesto que nos levava da mão à lágrima, e da lágrima aos córregos purpúreos! Como era *comovente*, ainda, sermos arrebatados de improviso por um alento que quanto mais imprudente mais *generoso* se mostrava! (Butcher: 2020, 120; grifos nossos).

Também atrelado a uma alavanca “venenosa”, o vírus, ao associar as palavras “vida” e “dor”, alega que a vida é uma forma de reproduzir sofrimento, debochando da célebre frase dita e compartilhada por muitos durante a pandemia: “cada vida

importa”. Alegação que, de uma perspectiva biológica, não tem muito respaldo e aparenta-se contraditória, contribuindo ainda mais para a percepção de que o locutor da carta se vale mais de manipulações cognitivas do que de um raciocínio fundamentado em evidências sólidas, dado que os vírus apenas conseguem replicar-se dentro de células vivas porque eles são parasitas intracelulares e não possuem um metabolismo funcional próprio. Sua sobrevivência, dessa maneira, parte obrigatoriamente dos seres vivos, da vida. Nessa ótica, cada vida deveria importar para ele também, uma vez que sua finalidade é a de se reproduzir ao máximo para, assim, manter-se vivo por mais tempo:

o que sem dúvida é embaraçoso é esse refrão que ultimamente deu para proliferar na panfletagem pretensamente piedosa: ‘cada vida importa’. Santa virose! Não bastava ‘vida’, agora me vêm com ‘vidas’? *Não se encaulam de reproduzir a dor dessa maneira?* (Butcher: 2020, 123; grifo nosso).

Por fim, todas essas alavancas utilizadas pelo anunciante da mensagem visam “a manipulação da cognição desse espectador/interlocutor” (Oliveira e Zanutto: 2017, 140), na tentativa de, como apontado acima, (1) apresentar sua história baseada em uma ciência; (2) aproximar a humanidade de adjetivações infames; (3) mostrar a infecção como algo prazeroso/benéfico; (4) associar a existência humana a (somente) uma manifestação de sofrimento; ou seja, subverter a história de uma forma que convenha à sua narrativa, tornando-se a “verdadeira” vítima da pandemia: “Não é fácil

explicar o que passamos. [...] Pergunto, pois: acaso já conheceu o que é sentir-se verdadeiramente sufocado? (Butcher: 2020, 119).

Em conclusão, o desfecho da narrativa acontece por uma relação de semelhança estabelecida entre o vírus e a humanidade: os dois possuem a característica de se multiplicarem. “Convenhamos que minha vocação infecciosa obedece ao mesmo imperativo que vocês, pudicos da própria fome, quiseram atribuir a um ser superior: ‘Amai-vos e multiplicai-vos’” (Butcher: 2020, 124). A passagem bíblica que mais se assemelha a essa ideia pode ser localizada em Gênesis 1:28, espaço em que é relatada a criação do homem por Deus: “Deus os abençoou: ‘Frutificai — disse ele — e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se arrastam sobre a terra’”. Em outro momento de Gênesis, onde é descrito o dilúvio, Deus realiza uma aliança com Noé e, mais uma vez, ordena que: “Sede, pois, fecundos e multiplicai-vos, e espalhai-vos sobre a terra abundantemente” (Gênesis 9:7).

Essa “benção” ou instrução de Deus à humanidade visa a orientá-la a ser fecunda, se multiplicar e dominar a Terra. Isso é comumente interpretado como um mandamento divino para que os seres humanos se casem, tenham filhos e continuem a reproduzir esse ciclo. O vírus, revelando que possui o mesmo objetivo de se proliferar, mas, sobretudo, incapaz de se replicar sem uma célula hospedeira, busca, com essa narrativa, legitimar sua invasão em nossos corpos, a fim de que continuemos a multiplicá-lo.

Assim, “a resolução para o assunto em pauta é solicitada” (Oliveira e Zanutto: 2017, 137) por meio de uma espécie de convite feito à humanidade: “Agora venha. Agora feche os olhos,

que nós precisamos urgentemente te dar um beijo” (Butcher: 2020, 124). O vírus finaliza, portanto, sua carta com a súplica do “beijo da morte”, o que representa seu desejo e sua finalidade exata: a infecção e, em última instância, a morte humana em vista de sua sobrevivência. Percebe-se que as obras literárias da contemporaneidade “mimetizam, de uma forma geral, uma luta contra a qual não se vence” (Brandileone: 2021, 35).

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. “O que é o contemporâneo?” In: *O que é o contemporâneo?* E outros ensaios. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009, pp. 55-73.

AGUIAR, Cristhiano Motta. “Primeiros casos de literatura com COVID-19”. *Suplemento Literário Pernambuco*, Recife, 14 set. 2020.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BIRMAN, Joel. *O trauma na pandemia do Coronavírus: suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas*. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile. “Desdobramentos da pandemia da COVID-19 e o radar da produção literária brasileira contemporânea”. *Revista Crioula*, [S. l.], n. 27, pp. 14-39, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/199090>. Acesso em: 20 dez. 2022

BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile. “Literatura brasileira contemporânea: caminhos diversos”. In: BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile; OLIVEIRA, Vanderléia da Silva (Org.). *Desafios contemporâneos: a escrita do agora*. São Paulo: Annablume, 2013, pp. 17-33.

BRETON, Philippe. *A manipulação da palavra*. Edições Loyola: São Paulo, 1999.

BUTCHER, Martim. “Carta Aberta”. In: Tv Brasil 247, Kotter Editorial (Org.). *Contos da quarentena*. v. 1. Curitiba: Kotter, 2020, pp. 117-124.

*Contos da quarentena*: Finalistas do Concurso da TV 247 (Caixa). Kotter, 2020. Disponível em: <https://kotter.com.br/loja/contos-da-quarentena-finalistas-do-concursodatv247caixa/#:~:text=Souza%2C%20Daniel%20Osiecki%20e%20Marcos%20Pamplona>. Acesso em: 04 jul 2023.

*Contos da quarentena*: volume 1. Organização de TV Brasil 247, Kotter Editorial. Curitiba: Kotter, 2020.

COUTINHO, Afrânio. *Notas de teoria literária*. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

FITAS, Augusto José dos Santos. “Os Principia de Newton, alguns comentários (Primeira Parte, a Axiomática)”. *Vértice*, 72, pp. 61-68, 1996.

FRANCO JUNIOR, Arnaldo. “Operadores de leitura da narrativa”. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (Orgs). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2005, pp. 39-42.

MORICONI, Ítalo. “Já existe uma literatura da pandemia”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 21 mar. 2021. Entrevista concedida a Bolívar Torres.

OLIVEIRA, Neil Armstrong Franco de; ZANUTTO, Flávia. “O gênero carta aberta: da interlocução marcada à interlocução esperada”. In: ANTONIO, Juliano Desiderato; NAVARRO, Pedro (Orgs). *Gêneros textuais em contexto de vestibular*. Maringá: Eduem, 2017, pp. 133-151.

RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. “Que significa literatura contemporânea?” In: *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, pp. 9-19.

ZAKARIA, Fareed. *Dez lições para o mundo pós-pandemia*. Tradução de Alexandre Raposo, Bruno Casotti, Flávia Rossler e Jaime Biaggio. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.